



Sobre o tempo que passou: a imersão na paisagem cibernética e o surgimento de novas temporalidades e formas de perceber o tempo

Mauro Meirelles
NER/PPGAS/UFRGS
mauro-meirelles@hotmail.com

Cíntia Inês Boll
PPGEDU/UFRGS
cintiainesboll@yahoo.com.br

Resumo: O presente artigo versa sobre a forma como o tempo é percebido a partir do uso cotidiano das novas tecnologias da informação e comunicação, em especial o computador. Para este fim, nos utilizamos de bases de dados construídas a partir de pesquisa realizada em 2005 e de dados oriundos da experiência de cerca de sete anos com a modalidade de ensino a distância, ora como professor, ora como aluno, ora como tutor. Neste sentido, os resultados apontam que cada vez mais cresce o acesso a diferentes tecnologias que acabam por transformar o cotidiano das pessoas, alterando, assim, significativamente a forma como, estas, se relacionam como o tempo a partir de sua imersão no ciberespaço ou, naquilo, que denominamos de paisagem cibernética.

On the time that passed: the immersion in the landscape cybernetics and the sprouting of new temporalities and forms to perceive the time

Abstract: The present article turns on the form as the time is perceived from the quotidian use of the new technologies of information and communication, in particular the computer. For this end, in we use them of deriving data and databases constructed from research accomplished in 2005 of the experience of close to seven years with the education modality in the distance, however as teacher, however as pupil, however as tutor. In this direction, the results point that more and more the access grows the different technologies that finish to transform the quotidian one of the people, modifying, thus, significantly the form as, these, if they relate as the time from its immersion in ciberespace or, in that we call of landscape cybernetics.

Palavras-chave: ciberespaço, percepção do tempo, educação a distância, novas tecnologias.

Keywords: ciberspace, perception of the time, education in the distance, new technologies.

Introdução: As culturas e o tempo

Muitos são os trabalhos que se ocupam da noção de cultura como uma lente a partir da qual nós (educadores e antropólogos) realizamos uma leitura do mundo e buscamos contextualizar determinados fenômenos ou eventos no interior de determinado grupo social ou comunidade. Contudo, pouco tem-se avançado no sentido de se construir um conceito unívoco de cultura de modo que, como bem ilustra Kuper (2002), diversas são as formas como nós, antropólogos e educadores, nos relacionamos teoricamente com ela. Neste sentido, importa esclarecer que, neste artigo, nos

utilizaremos o termo/palavra “cultura” enquanto um léxico substantivo dotado de um profundo caráter polissêmico e plural devendo-se, sempre, considera-la em função de suas especificidades compósitas, as quais, condicionam historicamente o entendimento do mundo, de nós mesmos, de nossa cultura e de nosso duplo, o outro.

Isto posto, tem-se ainda que a forma como as mais diferentes culturas percebem o tempo e com ele se relacionam é diversa. O tempo cronológico, da máquina, do relógio, do calendário, assume, assim, um caráter único em cada cultura em função de uma meta-agenda histórico-cultural que valora/desvalora determinados usos e vivências do tempo. Exemplo disto é o modo como os calendários judaico, lunar e gregoriano assumem limites temporais diversos em função de diferentes referentes histórico-culturais tidos como elemento fundante de toda uma cosmogonia que dele deriva. O tempo objetivo é, portanto, o tempo-máquina, o tempo do relógio, é a hora de sessenta minutos, é, enfim, a hora de 3600 segundos.

Todavia, apesar de passível de uma medição objetiva, esse tempo, a hora de sessenta minutos, pode ser percebida de forma diversa por diferentes pessoas que compartilham um mesmo quinhão de 3600 segundos. Disto deriva que, uma mesma hora pode ser mais longa para aquele que estuda matemática ou química e que vê os ponteiros do relógio arrastarem-se rumo a hora fechada do que, a hora vivida por aquele que lê sua revista favorita ou está na praia e vê os ponteiros do relógio correrem de forma frenética rumo ao sexagésimo minuto, parecendo-nos que, essa hora teve muito menos que sessenta minutos. Curta ou longa, a hora continua a ser do mesmo tamanho e composta por 60 ciclos de 60 segundos, contudo, a forma como esse tempo é percebido é diversa e se relaciona a forma como nós o percebemos e nos relacionamos com ele. E assim, sem dantes nos firmamos em definições conceituais precisas, servimo-nos desses exemplos quotidianos para pensarmos o tempo e a forma como, nós, os modernos, para usar a terminologia empregada por Latour (2000), nos relacionamos com ele e o percebemos em função de diferentes referenciais semânticos que dotam esse tempo de uma temporalidade diversa que deixa de ser o tempo-máquina e torna-se o tempo vivido.

Agora, se formos mais adiante, e pensarmos em termos lexicais, o tempo assume no interior da linguagem, segundo Ricouer (1975), uma diversidade gramatical muito grande que se relaciona ao que poderíamos chamar de uma sintaxe do tempo, ou seja, a forma como esse tempo é utilizado, substantivado, subjetivado por aquele que o toma para si. Neste sentido, na esteira do exposto por esse mesmo autor, é consenso entre um bom número de autores, entre eles Larre (1975), Panikkar (1975), Baumer (1975), Kagame (1975), Neher (1975), Pattaro (1975) e Gourevitch (1975) que o tempo máquina é antes de mais nada, um tempo da linguagem, um tempo que se insere naquilo que é vivido no interior de uma determinada cultura, essa última, entendida, também, como plural e diversa.

O tempo vivido, o tempo em sala de aula, o tempo que vivemos é o “nosso tempo” e assume-se, quase sempre, como diacrônico e fora do claustro do tempo-máquina. É um tempo com duração perceptiva diversa, é o tempo do sujeito. É o tempo que se sobrepõe no quotidiano da menina-mãe que teve sua infância encerrada precocemente, que estuda, que cuida do filho e da casa, é o tempo do jovem que trabalha para ajudar em casa, que estuda, que faz cursos a distância, que assiste a aula no computador enquanto ouve música, conversa no MSN e olha seus e-mails. Tudo isso, como diria Arnaldo Antunes, ao mesmo tempo, agora. Isto posto, tem-se que o tempo vivido pelo indivíduo só é inteligível dentro da cultura e da história que lhe deu origem, da “sua história”, da “história da sua comunidade” e a forma como este

indivíduo se relaciona com o espaço em que vive e com o tempo, algo que, na antropologia, chamamos de uma etnografia da duração (Eckert & Rocha, 2000).

É o tempo dos moradores da Ilha dos Marinheiros estudados por Devos (2007) em sua tese de doutorado, esse tempo, diverso daquele dos habitues da Praça da Alfândega e da Rua dos Andradas, estudados por Cunegato (2009) em sua dissertação de mestrado. É um tempo que se configura na história, na linguagem e na forma como ele é vivido e dotado de sentido por aqueles que lhe consomem vorazmente os segundos, os minutos, as horas. Mas, para além desse tempo vivido há, também, o tempo da narrativa, o tempo do discurso, o tempo da palavra, o tempo das coisas ditas. E, é Ricouer novamente que nos lembra que várias são as culturas que

Têm suas concepções implícitas ou explícitas de tempo ligadas à um surgimento de Palavra - ou de Escritura - que cria, em benefício de um evento de discurso fundador, o conjunto das experiências, dos comportamentos e das interpretações que, por sua vez, constituem o vivido singular característico dessa cultura (Ricouer: 1975, p. 22).

Exemplos dessa vivência diversa é a forma como o tempo cristão é narrado no velho e no novo testamento, ou ainda, como o tempo e a história são percebidos de forma diferenciada dentro da cultura judaica e muçulmana como bem mostram Neher (1975) e Pattaro (1975). E, mais recentemente, ainda ancorados em Ricouer (1994) diríamos que o sentido do tempo se dá a partir da produção de diferentes circuitos que têm na intriga seu enredo, seu elemento aglutinador. Neste sentido, é ilustrativo que parábolas cristãs só façam sentido dentre aqueles que possuem receptáculos culturais capazes de decodificá-los enquanto que, outras, caras a cultura oriental, só tenham sentido dentro de culturas milenares como a chinesa e/ou japonesa onde surgiram.

Desta constatação, depreende-se um duplo movimento, um no sentido daquilo que sabemos sobre o mundo, daquilo que nos é informado, que nos pré-figura e configura (mímese I) e, outro, no sentido daquilo que percebemos como produto final, como aquilo que se observa, que se conta, que se quer deixar ver, que se vive (mímese III). Todavia, nos falta o enredo, a narrativa que dá sentido aquilo que nos é contado, a intriga (mímese II). No tempo-máquina, aquele do vai-e-vêm do pêndulo do relógio temos a hora medida em intervalos de sessenta minutos (mímese I). No tempo subjetivo, vivido em horas curtas e/ou longas, ou ainda, de forma sobreposta na menina-mãe que estuda e cuida da casa e do filho, ou do jovem que trabalha e estuda a distância, que acessa seus e-mails, ouve música e conversa no MSN enquanto assiste uma aula via EAD temos o produto final dessa interação do indivíduo com a linguagem (mímese III). E, com isto, tem-se que, fora desse circuito e da cultura que lhe dá sentido (mímese II), essa vivência do tempo deixa de ter sentido e torna-se um significante vazio.

Outrossim, em tempos de uma modernidade-mundo em que nos tornamos senhores das máquinas, e também, seus escravos, assumimos uma nova forma de perceber o tempo e, não saímos de casa sem antes olharmos nossos e-mails e darmos uma olhada em algum portal de notícia, mas, fundamentalmente, e isso não podemos esquecer de levar: o nosso celular. E, novamente voltamos ao A.C. e D.C., ao antes e ao depois do ciberespaço, onde nossa existência é revista e quotizada em pares binários e sequências numéricas únicas, a partir daquilo que Gibson (1984) num de seus clássicos da ficção científica nomeia e define como ciberespaço.

1. Inaugurando um novo tempo: as novas tecnologias da informação e a nossa imersão na paisagem cibernética

De um maneira geral tem-se que o que hoje denominamos de novas tecnologias da informação e comunicação através de seu acrônimo NTICs nada mais é que um modo de nos referirmos a um conjunto de ferramentas e *medias* que a partir dos anos de 1960 passaram a fazer parte do cotidiano escolar e de políticas de governo relacionadas a formação de professores em serviço e/ou da alfabetização e formação de pessoas que, doutra forma, não teriam como chegar até uma escola regular. Exemplos recentes deste tipo de iniciativa são o TV Escola, o Telecurso 2000 e o PROINFO.

Todavia, não nos ocuparemos aqui de todos os suportes hoje utilizados, os quais vão desde as antigas ondas de rádio até o uso de modernos satélites de comunicação e antenas de captação e transmissão de sinal para os mais longínquos lugares de nosso país. Nesse entremeio, entre o velho transistor e o moderno componente integrado do satélite temos a televisão, os CDs, os DVDs interativos e o computador. E, é com a forma como essas novas tecnologias, em especial, o computador foram capazes de alterar nossa relação com o tempo e com o espaço que nos ocuparemos daqui para diante.

Sem me deter em um cronologia exata dos eventos nem em retomar tudo o que se falou ou pensou acerca diversos suportes que hoje se fazem presentes na educação, me ocuparei, pontualmente, nas mudanças que sua incorporação implicou tanto para aqueles que se utilizam desse suporte para produção de suas aulas como aqueles que delas fazem uso para seu aprendizado. Em princípio, podemos pensar essas mudanças como tributárias a forma como nos relacionamos com esses outros que emergem a partir do uso do Rádio, da Televisão e da Internet como suporte para o ensino e educação a distância: o outro co-presente mas não-visível; o outro visível mas nem sempre co-presente; e, o outro digital. Esse último, avatar e extensão de nosso eu, representação idealizada de nós mesmos na nuvem de zeros e uns que dá vida e forma ao maravilhoso mundo que surge a partir do clássico livro de Gibson (1984).

2. O uso das novas tecnologias da informação

Antes de falarmos dos condicionantes históricos da sociedade brasileira e de suas implicações nas formas de conceber e perceber a realidade é preciso que exploremos um pouco a forma como chegamos até aqui. Para isto é interessante que tenhamos claro os interesses que cercam o uso de computadores, sejam estes, individuais ou coletivos. Neste sentido, também importa compreender a lógica sobre a qual se deu seu desenvolvimento e as implicações de sua utilização na vida cotidiana de milhares de pessoas ao redor do mundo. Isto posto, como já escrevi em outro lugar a partir dos dados levantados pela Universidade de Harvard (Meirelles, 2003) tem-se que o acesso a computadores e a internet é diverso ao redor do globo, assim como seu uso por estudantes do ensino médio está vinculado a diferentes níveis de domínio e acesso ao suporte informático e as possibilidades por ele oferecidas a esse público em específico a partir de sua casa, de sua escola e de seu local de trabalho (Meirelles, 2005).

Outrossim, como destacado pelo National Research Council (1999), por Bianchetti (2001), e também presente como pano de fundo nas obras de Castells (1999, 2003) e Silveira (2001), as tecnologias ocupam cada vez mais um lugar de destaque em nosso cotidiano de modo que, para esses autores, dentre as diversas tecnologias existentes, as que apresentam maior potencial agregador são aquelas baseadas no

suporte informático. Diante desta constatação, tanto a telefonia como as telecomunicações em geral têm buscado nesta ferramenta o devido suporte, migrando em larga escala – através de investimentos vultosos em tecnologia – do suporte analógico para o digital. Já no caso da educação temos o curso de Pedagogia a Distância da UFRGS que, notadamente, inaugura uma nova era no seio da universidade pública ao ser, no Brasil, qual seja, o primeiro curso de graduação oferecido totalmente na modalidade a distância.

Observa-se também que, outros meios, como a televisão, o rádio e o jornal – tradicionais meios de comunicação com distribuição não digital – estão, agora, investindo neste suporte e são disponibilizados em versões digitais. Outro exemplo disto são os celulares que cada vez mais aproximam suas interfaces gráficas e suas aplicações daquelas presentes em nossos computadores. Hoje já é possível enviar sons e imagens diretamente de aparelhos celulares, assim como navegar na Internet e baixar jogos e músicas no aparelho – algo impensável até alguns anos atrás, quando escrevi minha dissertação de mestrado (Meirelles, 2005), aos proprietários de aparelhos celulares no Brasil. Assim, na convergência destas tecnologias para o suporte informático, o aspecto que mais se destaca, reside nos requisitos cognitivos e atitudinais exigidos tanto de trabalhadores como de profissionais egressos de universidades (National Research Council, 1999), quanto de pessoas comuns (Silveira, 2001; Castells, 1999, 2003).

Com isso, os trabalhadores – e não só estes – buscam novos conhecimentos com vistas a acompanhar a dinâmica das transformações tecnológicas que povoam o nosso cotidiano. Caso este, muito bem ilustrado por diversos trabalhos de conclusão do curso de Tutoria em Educação a Distância que, em seu conjunto, destacam um grande número de mudanças atitudinais e cognitivas que se fizeram necessárias tanto ao público discente como docente com vistas a implementação de uma proposta pedagógica diferenciada e inovadora baseada totalmente no suporte informático e no desenvolvimento de um trabalho conjunto que envolveu, inclusive, os tutores que trabalhavam junto a cada uma das interdisciplinas do curso.

E, deste modo, é com certa tranquilidade, que afirmamos que a única certeza que temos é aquela antecipada por McLuhan (1969) em seu livro “Os meios de comunicação como extensões do homem” onde este coloca que a mudança teria se tornado a única constante na vida das pessoas. Isto exige, por sua vez, novas estratégias de desenvolvimento e adaptação por parte de todos os setores da sociedade para o convívio com o que Castells (1999) denomina de “A Revolução das Novas Tecnologias da Informação”. Contudo, esta dita revolução, só foi possível após o advento do computador pessoal (PC) e da Internet (World Wide Web), de modo que, sua evolução permitiu o desenvolvimento de rotinas e procedimentos até então impensáveis.

Desta feita e diante da crescente virtualização dos sistemas econômicos e das matrizes produtivas por meio da flexibilização das relações de trabalho, da onipresença de grandes corporações em lugares equidistantes do globo através de oficinas de trabalho descentralizadas e de parques produtivos dispersos geograficamente, é correto afirmar, como exposto por Bianchetti (2001), que o domínio da tecnologia digital sobre a analógica é inevitável. Uma vez que, a primeira é o suporte desta nova realidade que se descortina diante de nós. E que, é em seu âmago que conjuga-se o progresso científico e tecnológico e as opções políticas assumidas por seus governos ao longo da história (Latour, 2000; Bianchetti, 2001).

Com isto, as tecnologias digitais trazem sob seu escopo uma revolução permanente - tanto no que tange ao mundo do trabalho como quanto no que se refere a proposição de novas abordagens pedagógicas, onde, categorias como tempo e espaço, assumem, novos significados. Surge uma nova temporalidade e espacialidade sob a

égide das tecnologias digitais de interação e comunicação (Tirado & Gálvez, 2002; Bianchetti, 2001). E, apesar de perspectivas diferenciadas tanto Levy (1997) quanto Silveira (2001) e Castells (1999; 2003) convergem em suas análises para o fato que estas tecnologias estão cada vez mais presentes em nosso cotidiano, impondo às pessoas, novos ritmos de interagir e pensar a realidade, ao mesmo tempo em que, ampliam as capacidades humanas e a forma de se utilizar e gerenciar a informação. O homem se hibridiza com a máquina, ampliando suas capacidades e possibilidades de interação no mundo real e virtual.

Disto desprende-se uma nova forma de relacionar-se com o tempo e o espaço na medida em que, ao centralizar em si diversas mídias e suportes, o computador permite uma compressão da relação espaço-tempo e uma sobreposição de tempos que dantes eram separados. Pode-se ao mesmo tempo que se ouve música e lê o fórum de discussão da aula que se teve a tarde, estar a ler e-mails ou acompanhar as notícias de seu time preferido. Da co-presença não-visível do rádio e do outro visível mas nem sempre co-presente da televisão, emerge um outro digital. Um avatar, uma extensão de nosso eu que ganha vida e morte no mundo de Gibson.

3. Pensando o espaço e o tempo em tempos de cibercultura

Se o tempo-máquina difere daquele que é percebido pelo sujeito e assume um caráter subjetivo quando percebido pela ótica daquele que consome esse tempo, que vive os segundos de aguardo de uma resposta que muitas vezes parecem horas, ou as noites que mal fecha os olhos e acorda depois de horas com a sensação que poucos minutos passaram, tem-se que, em si, sua relatividade depende da intensidade da experiência e quão esta experiência é capaz de apresentar-se ao sujeito como um fato social total (Mauss, 2003). Neste sentido, pensar o tempo enquanto um fato social total implica em compreender a lugar que determinadas atividades quotidianas, sejam elas rituais ou não, ocupam no cotidiano das pessoas que estão sob seu jugo.

Em nossa sociedade contemporânea é exemplar o espaço que ocupam algumas datas comemorativas, tais como o Ano Novo, o Natal, a Páscoa, o Dia dos Namorados, o Carnaval, etc., as quais, em diferentes lugares do Brasil e do mundo assumem diferentes graus de totalização. Isso, algo que também podemos observar a partir de meados dos anos de 1990, em nosso cotidiano, quando o uso de computadores pessoais, laptops e celulares impôs um novo estilo de vida a um grande número de pessoas. Neste sentido, o que quero mostrar com isso, e aqui usei-me de algumas datas comemorativas comuns a cultura ocidental é que, dependendo do “marcador” ou “referente” que utilizemos e da cultura a que nos referimos, este, terá maior ou menor incidência e significado de modo que, possuirá maior ou menor alcance dependendo dos condicionantes históricos e do lugar que, por exemplo, o cristianismo, ocupa em sua cosmogonia. Da mesma forma, se seguirmos essa linha de pensamento e pensarmos o indivíduo como socializado na e pela paisagem (Csordas, 2007) veremos que ao mesmo tempo em que este produz a cultura é, também, produto dela. E, desta forma é correto afirmar que, enquanto comunidade de sentido (Baczko, 1985), todos aqueles que convivem e se utilizam dessas diferentes tecnologias, de alguma forma, seja em menor ou maior grau, estão a ela “conectados” e sofrem seus efeitos, de estar “In-Line”, “On-Line” ou “Off-Line”.

Mas, em tempos de cibercultura, estar off-line é praticamente impossível. Instant Messengers e aplicativos de e-mail pululam em todo tipo de celular produzido nos últimos dois anos. É possível ainda postar em seu Facebook ou Orkut via SMS, assim

como, receber desses sites as atualizações via mensagem de texto. Compras realizadas com cartão de crédito e/ou movimentos bancários podem ser monitorados pela tela do celular através de mensagens de texto enviadas pela sua operadora de cartão ou banco a cada nova movimentação, assim como, através de seu celular, também, é possível acessar a internet e fazer movimentações em sua conta sem, ao menos, ter acesso a um PC. E, de fato, com a atual base de celulares que, hoje, no Brasil, supera o número de telefones fixos, é praticamente impossível não estar “In-Line”, a não ser que “você esteja fora da área de cobertura” ou com “o aparelho temporariamente desligado”.

Mas, se por um lado, a estratégia do “In-Line” é compulsória e não nos dá outra opção que não seja uma saída radical, de não ter um aparelho celular e/ou de optar por estar com ele desligado, por outro, escolher entre estar “On-Line” e “Off-Line” é uma questão de escolha, de recursos e de adesão à novas tecnologias e dispositivos que, a cada quatro meses, são despejados no mercado através de campanhas massivas nos *mass-media*, mas principalmente entre o público jovem. Essa nova geração, também chamada de Geração X, que nasceram entre 1965 e 1981, as quais se sucederam as Gerações Y e Z. Mas, são esse dois últimos segmentos em específico que aqui nos interessam.

Os primeiros ligados a chamada Geração Y se refere aqueles jovens nascidos entre o início dos anos de 1970 e meados de 1990 que, em sua maioria, presenciaram grandes mudanças no seu cotidiano com o surgimento dos primeiros computadores pessoais, dos CDs, dos DVDs, dos celulares, da Internet, etc. Os segundos nascidos entre o início dos anos de 1990 e meados de 2000, pertencentes ao que se convencionou chamar na Sociologia de Geração Z que, em sua maioria, não concebem o mundo sem a existência de computadores, chats e telefones celulares. De uma maneira geral, estes últimos, são menos deslumbrados com a tecnologia do que os da Geração Y e sentem-se à vontade fazendo mil coisas ao mesmo tempo, tais como: ver televisão, ouvir rádio, falar ao telefone, ouvir música e acessar a internet, entre outras. Pensam rápido e de forma complexa, além de, possuírem pouco apego as fronteiras geográficas, de modo que, se colocam muitas vezes como cidadãos do mundo.

Os da Geração X têm hoje entre 20 e 40 anos e estão entrando no mercado de trabalho, trabalhando em empresas, pesquisando em universidades e usando o que de melhor a tecnologia têm a lhe oferecer: comodidade, rapidez, conforto. O preço é caro, o horário de trabalho estende-se através de ambientes corporativos e da necessidade de se estar sempre “In-Line” com seu “BlackBerry” ou “iPhone”. Seus filhos, estes pertencentes a Geração Z, têm hoje entre 5 e 20 anos de idade e usar a internet, ouvir e baixar música digital é para eles uma realidade de modo que, muitos nem chegaram a ver ou conhecer um toca-discos ou uma máquina de escrever, muito menos, usar o serviço de correio para enviar uma carta a um amigo, uma vez que, estes, nasceram já usando os serviços de correio eletrônico e disco virtual do Yahoo, ao mesmo tempo em que, faziam suas pesquisas usando o Altavista e o Cadê. Isso tudo, a menos de 10 ou 12 anos atrás, quando o Google era apenas uma ideia na cabeça de dois jovens que trabalhavam numa garagem no Vale do Silício.

Enfim, o tempo passa, as coisas mudam e adaptar-se a elas é uma questão de sobrevivência. Neste sentido, é fato que a EAD chegou para ficar e que, queiramos ou não, em breve, estaremos em frente a um PC em videoconferência com centenas de alunos ao redor do mundo. Bancos, lojas, universidades já se virtualizaram... e você?

Considerações Finais

Assim, temos a partir do exposto que, cada vez mais, a partir de um mesmo dispositivo, uma pluralidade de serviços podem ser acessados de modo que, isso, altera significativamente o modo de vida e a forma como as pessoas, mas principalmente os jovens das gerações Y e Z, se relacionam com o tempo e com o espaço na medida em que, um ônibus, um avião, o bar da faculdade ou aquele perto de sua casa passa a ser, também, seu escritório, a partir do qual este jovem acessa seus e-mails através de uma conexão wi-fi ou 3G, interage em diferentes redes sociais, troca mensagens de texto, assiste vídeos no Youtube, coloca fotos no ar, etc. O mesmo acontece nas salas de aula do ensino médio, onde, ao mesmo tempo em que assistem as aulas, estes, estão acessando a internet, ouvindo música, postando no Orkut e/ou no Facebook, trocando mensagens de texto, etc. - tudo isso, a partir de seu aparelho celular.

Deste modo, o celular, assim como o computador, hoje, assume um lugar importante no cotidiano do homem moderno, mas principalmente no interior do universo jovem, ao ponto de, alterar, significativamente, a relação destes com o tempo e com o espaço pois, este, pode, na atualidade, a partir de um mesmo dispositivo, fazer-se coisas que antes tinham que ser feitas em separado e a partir de diferentes dispositivos de hardware. O aparelho de som é “aposentado” ou “conectado” ao “computador” ou “Ipod” para que possa tocar seu acervo de cerca de quatro mil músicas em mp3. O DVD e a TV, também, conectados ao PC exibem os arquivos de vídeo baixados da rede, inclusive, aqueles filmes que ainda nem chegaram aos cinemas comerciais daqui. Ah, tocou o telefone no PC? Sem problemas, o Skype automaticamente pausa os players de música e vídeo para que você possa falar tranquilamente, mas, enquanto isso, vamos lendo umas notícias no ZH Digital e postando alguma coisa no fórum da disciplina de Sociologia Clássica lá no Moodle.

Na educação a distância, ou entre aqueles da educação presencial que usam de alguma forma o computador no seu cotidiano isso não é muito diferente e já se fala inclusive em plataformas de ensino voltadas para dispositivos móveis. Outrossim, diante do exposto tem-se que, assim como os diferentes marcadores culturais e religiosos que citamos anteriormente, o computador e o celular são, em nossos dias, dois artefatos tecnológicos que impõem ao homem moderno um novo modo de vida, onde, este, é obrigado a escolher entre estar “On-Line” ou “Off-Line”. O grau de imersão dele na paisagem cibernética dependerá somente de sua escolha e do quanto ele estará “On-Line”.

Referências bibliográficas

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: ROMANO, Ruggiero (org.). **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985. v. 5.

BAUMER, Bettina. Apêndice: A percepção empírica do tempo. In: RICOUER, Paul (Org.) **As Culturas e o tempo: estudos reunidos pela Unesco**. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Editora da USP, 1975, p. 95-101.

BIANCHETTI, Lucídio. **Da Chave de Fenda ao Laptop – Tecnologia Digital e Novas Qualificações: Desafios à Educação**. Petrópolis-Florianópolis: Vozes, 2001.



CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede – A Era da Informação: economia, sociedade e cultura**. Volume 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia Internet: Reflexões Sobre a Internet, os Negócios e a Sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2003.

CSORDAS, Thomas. **Corpo|Significado|Cura**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

CUNEGATTO, Thais. **Etnografia da Rua da Praia: um estudo antropológico sobre cotidiano, memória e formas de sociabilidade no centro urbano porto-alegrense**. Porto Alegre: UFRGS/PPGAS, 2009. Dissertação de Mestrado.

DEVOS, Rafael Victorino. **A "questão ambiental" sob a ótica da antropologia dos grupos urbanos, nas ilhas do Parque Estadual Delta do Jacuí, Bairro Arquipélago, Porto Alegre, RS**. Porto Alegre: UFRGS/PPGAS, 2007. Tese de Doutorado.

ECKERT, Cornélia & ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. "Imagens do tempo nos meandros da memória: por uma etnografia da duração". **Revista IluMinuras**, V.1, n.1. Porto Alegre: UFRGS/PPGAS, p. 1-14, 2000.

GIBSON, William. **Neuromancer**. São Paulo: Aleph, 1984.

GOUREVITCH, A. Y.. O Tempo como problema de história cultural. In: RICOUER, Paul (Org.) **As Culturas e o tempo: estudos reunidos pela Unesco**. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Editora da USP, 1975, p. 263-283.

KAGAME, Alexis. A percepção empírica do tempo e a concepção da história no pensamento bantu. In: RICOUER, Paul (Org.) **As Culturas e o tempo: estudos reunidos pela Unesco**. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Editora da USP, 1975, p. 102-135.

KUPER, Adam. **Cultura: a visão dos antropólogos**. Bauru: EDUSP, 2002.

LARRE, Claude. A percepção empírica do tempo e a concepção da história no pensamento chinês. In: RICOUER, Paul (Org.) **As Culturas e o tempo: estudos reunidos pela Unesco**. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Editora da USP, 1975, p. 41-72.

LATOUR, Bruno. **Jamais Fomos Modernos**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.

LEVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Ed.34, 1997.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MEIRELLES, Mauro. A Inserção Brasileira na Era da Informação: Excluídos Digitais ou Tecnológicos? **Informática na Educação: teoria & prática**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 69-83, jan./jun. 2003.

_____. **As redes que se tecem nas escolas públicas de ensino médio de Porto Alegre: o uso das tecnologias digitais e a construção de indicadores de fluência digital a partir de uma abordagem sociotécnica.** Porto Alegre: UFRGS/PPGEDU, 2005. Dissertação de Mestrado.

MCLUHAN, Herbert Marshall. **O meios de comunicação como extensões do homem.** São Paulo: Cultrix, 1969.

NEHER, André. Visão do tempo e da história na cultura judaica. In: RICOUER, Paul (Org.) **As Culturas e o tempo: estudos reunidos pela Unesco.** Petrópolis: Vozes; São Paulo: Editora da USP, 1975, p. 176-196.

PANIKKAR, Raimundo. Tempo e História na tradição da Índia. In: RICOUER, Paul (Org.) **As Culturas e o tempo: estudos reunidos pela Unesco.** Petrópolis: Vozes; São Paulo: Editora da USP, 1975, p. 73-94.

PATTARO, Germano. A concepção cristã do tempo. In: RICOUER, Paul (Org.) **As Culturas e o tempo: estudos reunidos pela Unesco.** Petrópolis: Vozes; São Paulo: Editora da USP, 1975, p. 197-228.

RICOEUR, Paul. “Tempo e narrativa. A tríplice mimese”. In: RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa.** Tomo I, Campinas, Papyrus, 1994, p. 85-131.

RICOEUR, Paul. “Introdução”. In: RICOUER, Paul (Org.) **As Culturas e o tempo: estudos reunidos pela Unesco.** Petrópolis: Vozes; São Paulo: Editora da USP, 1975, p. 15-40.

SILVEIRA, Sergio Amadeu da. **Exclusão Digital – A Miséria na Era da Informação.** São Paulo: SP: Fundação Perseu Abramo, 2001.

Documentos Eletrônicos

NATIONAL RESEARCH COUNCIL (U.S.). **Being Fluent with information technology.** Washington, DC: National Academy Press, 1999.

Disponível em: <<http://books.nap.edu/books/030906399X/html>>.

Acesso em: 15 dez. 2002.

TIRADO, Francisco Javier, GÁLVEZ, Anna. Comunidades virtuales, cyborgs y redes sociotécnicas: nuevas formas para la interacción social. **Digit•HvM - Revista Digital d’Humanitats**, 2002, n. 4.

Disponível em: <http://www.uoc.edu/humfil/articles/esp/tiradogalvez0302.html>.

Acesso em 16 fev. 2004.